
Das confluências, cosmologias e contra- colonizações. Uma conversa com Nego Bispo.

Greice Martins
Graduanda em Antropologia na UnivASF
(Universidade Federal do Vale do São Francisco)
e-mail: greicemartins23@gmail.com

Henrique Junio Felipe
Professor Adjunto do Colegiado de Antropologia da UnivASF
(Universidade Federal do Vale do São Francisco)
e-mail: henriquej.felipe@univasf.edu.br

Natacha Simei Leal
Professora Adjunta do Colegiado de Antropologia da UnivASF
(Universidade Federal do Vale do São Francisco)
e-mail: natacha.leal@univasf.edu.br

Suz Evany Lima da Silva
Graduanda em Antropologia na UnivASF
(Universidade Federal do Vale do São Francisco)
e-mail: evany.suz@gmail.com

O piauiense Antônio Bispo dos Santos, o Nego Bispo, é uma reconhecida liderança quilombola e dos movimentos sociais de luta pela terra. Morador do Quilombo Saco-Cortume, em São João do Piauí-PI, cidade do semiárido piauiense, atualmente é membro da Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do Piauí (CECOQ-PI) e da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais e Quilombolas (CONAQ). Além da sua atuação política, Nego Bispo tem se notabilizado por desenvolver um pensamento original e provocador, expresso em diversas intervenções país afora e em seu livro “Colonização, Quilombos. Modos e Significações”, já em sua 2^a edição e que ele define como uma relatoria de saberes. Intelectual, professor e mestre convidado do projeto Encontro de Saberes (UNB/INCT), conferencista em diversos centros nacionais de ensino e pesquisa, Nego Bispo tem sido um interlocutor frequente de antropólogos e seu livro se faz cada vez mais presente no programa de inúmeros cursos de graduação e pós-graduação do país. Na ocasião de nossa conversa, Nego Bispo havia acabado de chegar de Nova York, onde participara da Conferência do Clima da ONU (ocorrida entre os dias 21 a 23 de setembro de 2019). Recebeu-nos em sua casa, em uma típica tarde quente de outubro do semiárido piauiense. Nesta entrevista, realizada por docentes e discentes do Colegiado de Antropologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), campus Serra da Capivara, conversamos sobre sua militância, seus escritos, os concei-

-tos que desenvolve em seu livro, a relação com antropólogos e com a Antropologia e a potencialidade da Caatinga como um modo de existência e um campo fértil de pesquisa e atuação política.

EntreRios: Chegou nesse fim de semana de Nova York?

Nego Bispo: Não, na verdade eu já cheguei de Salvador. Fui para Nova York, de Nova York para Brasília, de Brasília para Salvador. Mas na verdade nem foi de Nova York, foi da Índia. Eu resolvi instalar a Índia nos Estados Unidos...

EntreRios: Como assim?

Nego Bispo: Os *Dalits* me convidaram para uma conversa. Então, como eu fui conversar com os *Dalits*, eu deveria estar na Índia. Como a Terra é uma só, não tem duas Terras no mundo, esses limites quem inventou foram os colonialistas; então, se eu estava com os *Dalits*, eu estava na Índia. Se eu estivesse com os americanos, estaria em Nova York; mas como eu estava com os *Dalits*, eu estava na Índia. Então, eu estou na terra daquele povo, mesmo em Nova York...

EntreRios: Estavam na Conferência do Clima? Como foi lá?

Nego Bispo: Bom, eu apanhei um bocado na língua, mas gostei dos povos que encontrei. Encontrei os *Dalits*, encontrei os *Buracos* – e eu nem sabia que existia esse povo – encontrei vários africanos – Senegal, Somália, vários países da África –, encontrei o pessoal do Nepal, do Sri Lanka... Desse ponto de vista de encontrar pessoas, foi muito bom. Encontrei vários povos. A outra parte boa é que eu tive a oportunidade de fazer o que eu gosto que é dialogar com as contradições, por exemplo, eu fui fazer uma fala na Universidade de Columbia. E minha fala foi: "eu não estou em Columbia, eu estou com os *Dalits* na Índia nos *states*". A outra parte boa foi que me convidaram para visitar *Manhattan* e eu fui visitar o *Brooklyn*. Eu não sou uma pessoa de *Manhattan*. É que a *Times Square* é como qualquer cidade colonialista... Porque se você pensar o colonialismo tem uma arquitetura, todas as cidades colonialistas são iguais. Se você estiver em São Paulo, se estiver no Rio de Janeiro, em Belo Horizonte, em Nova York, na Cidade do México, é tudo do mesmo jeito.... prédios verticais muito altos, com paredes lineares, não faz diferença nenhuma.

EntreRios: O senhor foi falar sobre o que mesmo?

Nego Bispo: Você sabe quem são os *Dalits*? Os *Dalits* são povos discriminados por descendência e pelo trabalho. Então eles são povos sem casta na Índia. Ou seja, eles são os intocáveis: as pessoas que fazem o trabalho sujo e, literalmente falando, carregam "merda". Porque como a Índia tem uma superpopulação, a questão sanitária é grave. Então como fazer? Aí tem um lá que precisa carregar nos baldes, quem carrega são os *Dalits*. Os *Dalits* inventaram cota no mundo. Então eles têm parlamentares, muitas pessoas na academia, mas isso não resolve a questão. Mesmo os mais importantes acadêmicos dos *Dalits* tem que carregar "merda". E eles não podem tocar na comida do povo que tem casta. Então, a discriminação é racial mesmo, não é social. Era com esse povo que eu conversava. E eu fui dizer para eles como é que os quilombos, na minha concepção, são no Brasil.

EntreRios: O senhor vê alguma coisa parecida com o que acontece na Índia com os Dalits aqui nos quilombos?

Nego Bispo: Qual a diferença que tem aqui no Brasil? Os *Dalits* se sentem homogêneos, todos os *Dalits* são iguais na discriminação, todos os *Dalits*, por mais importante que sejam, por mais dinheiro que tenham eles, não podem nem pegar na mão dos *brâmanes* das castas superiores. Então não adianta eles terem dinheiro. No Brasil é diferente, no Brasil nós temos os quilombos, nós temos os terreiros, nós temos as favelas e nós temos o movimento negro. No Brasil nós temos pessoas negras que chegaram na universidade, conseguiram um bom emprego, ganham um bom dinheiro e se sentem classe média ... essas pessoas é que estão iguais aos *Dalits* porque essas pessoas negras que se sentem classe média no Brasil não conseguem morar nos "Alphavilles"; elas até moram lá mas não são reconhecidas. Mesmo morando lá todo mundo acha que elas são servis. Então, elas são pessoas que mesmo tendo dinheiro são discriminadas. A classe média preta no Brasil que é igual aos *Dalits* classe média. Os quilombos são diferentes, nós aqui no nosso quilombo temos o nosso território, nós temos o nosso modo de vida; podemos não ter dinheiro, mas nos governamos. A gente faz aqui o que a gente quer fazer. Já aconteceu, muitas vezes, de chegar pessoas da cidade aqui e a gente dizer assim: "Não! você veio no lugar errado, nós não vamos trabalhar para você". "Sim, mas vocês não tem dinheiro". "A gente não tem, mas não tá precisando, não vamos trabalhar para vocês". Os *Dalits* pensavam que nós éramos iguais a eles, mas nós não somos, quem é igual a eles é o povo negro do movimento negro urbano; não é a favela, não é o terreiro e nem o quilombo. Mas eu fui dizer isso para eles, "olha nós estamos noutro nível de vocês porque vocês tem muito dinheiro mas não tem dignidade. Nós não temos dinheiro, mas nós temos autonomia, nós somos coordenadores da nossa trajetória, essa é a diferença, nós temos valores".

EntreRios: Bispo eu queria que você contasse um pouco da sua trajetória...

Nego Bispo: Ah, a minha trajetória... eu nasci em 1959 no Vale do Rio Berlengas aqui no Piauí, na região de Valença. Eu nasci em uma comunidade em que o povo preto dominava. Dominava na cultura porque os melhores cantadores e tocadores de batuque eram pretos. Dominavam na arquitetura porque meu bisavô Manuel Macero era um cara que construía na cidade, mas ele dominava toda a cadeia, ele era o construtor na cidade. Quando eu nasci, na década de 60, conheci uns 18 ou mais engenhos; desses, 14 ou 15 eram dos negros e uns 3 ou 4 eram dos brancos. Era o negro que fazia: nós não éramos donos de engenho porque comprávamos os engenhos, nós fazíamos o engenho, nós dominávamos toda a tecnologia necessária para a cadeia da cana de rapadura. Nós dominávamos toda tecnologia para a cadeia do algodão. Mãe Joana – que foi uma das minhas mestras – plantava o algodão e fazia a roupa, dominava toda a cadeia: plantava, beneficiava, colhia, fiava, tecia, tingia, costurava. Então nós éramos uma comunidade que na minha compreensão não foi escravizada, porque dominava todas as técnicas necessárias para viver, comprando apenas o sal, o resto se fazia. Porém eu nasci em 59. E a segunda Guerra Mundial terminou quando? Em 45. O que os colonialistas que participaram da Segunda Guerra Mundial resolveram fazer depois? A Segunda Guerra Mundial desenvolveu tecnologias para plantar a monocultura do trigo em escala para alimentar os soldados, desenvolveu tecnologia para produzir caminhões, tratores, máquinas poderosas, pontes, estradas ... Quando termina a Guerra, fazer o que com isso? Toda essa tecnologia virou obsoleta, lixo da Segunda Guerra Mundial. Mas aí os colonialistas iam perder isso? Não! Resolveram vender. E vender para quem? Para o que eles chamam de países subdesenvolvidos. Então o Brasil resolve comprar esse lixo. E qual o lixo da Segunda Guerra Mundial? A monocultura, os tratores e tal. Nesse tempo provavelmente 70, 75% da população brasileira vivia no campo e 25% na cidade. Ora, se 75% estava no campo, 75% praticava a agricultura ou coisa parecida. Então a população produzia o suficiente para viver e o excedente era para alimentar a cidade. E esse povo vivia bem, tinha um saber, tinha um modo de vida, tinha toda uma estrutura.

A Segunda Guerra Mundial quebra isso. E como? Trazendo a linguagem escrita pro povo. Até aqui tudo funcionava pela oralidade, então ela vai trazer a linguagem escrita e o saber acadêmico. As ciências agro... como é que a gente diz, agrotécnico? Ciências agrárias, agronomia, veterinária... Nós não tínhamos no Piauí na década de 60 técnicas de agropecuária. Aí o que acontece? Essa galera traz a escola escrita que nós não tínhamos. Nossos contratos eram orais. Aí veio a escola escrita e a quebra dos contratos orais. A minha família resolve me botar na escola para eu entender os contratos escritos porque eu já entendia os contratos orais. Então eu fui para a escola para aprender a traduzir a linguagem escrita para a linguagem oral e a linguagem oral para a linguagem escrita. Porque como funcionava? Eu ia para a escola de segunda a sexta; sábado e domingo eu ficava com meu povo mais velho, escrevendo carta, lendo bula de remédio, lendo tudo quanto fosse papel escrito que meu povo achasse... Só que eu lia e dizia o que significa isso na linguagem escrita e meu povo dizia que na linguagem oral significava outra coisa. Então eu fui formado por esse povo como um tradutor, um tradutor de linguagens. Não de línguas, que língua eu só sei uma que é a língua do colonizador português. Mas o meu povo me formou como um tradutor de linguagens, da linguagem escrita para a oralidade, da oralidade para a escrita, mas também das imagens, dos gestos. Então eu sou um tradutor de linguagens formado, bem formado pelo povo e eu faço isso até hoje. Eu traduzi a escrita para a oralidade desde quando eu fui para a escola pela primeira vez aos 9 anos até a Constituição de 1988 que eu também traduzi da escrita para a oralidade. Só a partir de 2007 é que eu escrevo o livro. Aí sim, eu traduzo a oralidade para a escrita. Então de 2007 para cá é que eu passo a traduzir a oralidade para a escrita porque até aí eu traduzia a escrita para a oralidade.

EntreRios: Seu livro virou referência para muitos cursos de Antropologia no Brasil. Queríamos que você falasse um pouco dessa sua relação com a Antropologia e com os antropólogos...

Nego Bispo: O nosso livro é isso, a tradução da oralidade para a escrita. Só que ele traz umas coisas novas. Ele traz uma tradução do pensamento colonialista e do pensamento não-colonialista. Ele aprofunda muito na questão dos conhecimentos. Aí nós chegamos ao entendimento que o nosso pensamento, o pensamento quilombola, o pensamento que me formou, é um pensamento circular, um pensamento de começo, meio e começo. Então é um pensamento que não tem fim. E nós fomos entendendo que o pensamento colonialista, e aí leia-se o pensamento antropológico - que a Antropologia é uma ciência colonialista, profundamente colonialista - é um pensamento linear, vertical, retilíneo, que não circula por mais que vocês se esforcem. Nós não estamos dizendo que isso não é bom nem ruim, nós estamos dizendo como é que funciona. É um pensamento colonialista, linear, retilíneo, tal. E o nosso pensamento é circular, então para gente compreender isso fomos atrás de algumas matrizes e fomos ver a matriz colonialista. A matriz colonialista trabalha com conceitos, com denominações. Inclusive a Antropologia é um desses conceitos. Só que o pensamento colonialista funciona do integrado para o segmentado e o nosso pensamento funciona do segmentado para o integrado. Então para nós o um tem que funcionar bem para que o todo funcione bem; vocês querem que o todo funcione bem para o um funcionar bem. Nunca que isso vai dar certo, nunca deu até hoje. Então, qual é a grande questão do nosso livro? Ele não é um livro segmentado, ele é um livro amplo. Então, hoje ele é um livro que está sendo estudado pela Antropologia. Eu vou ter que dizer isso, que isso é importante, ele está na ementa de teorias antropológicas II do Museu Nacional. Ou seja, quem quiser fazer um curso de Antropologia no Museu Nacional hoje tem que ler esse livro. Porém, esse livro também está nos cursos de Direito em algumas universidades. Mas ele também está nos cursos de História. Agora em novembro eu vou para a Universidade Federal de Pernambuco participar do Simpósio Internacional de Geografia Agrária, então esse livro está na Geografia da UFPE. Mas ele também está na Antropologia da UFPE, na Psicologia da Federal Fluminense e no Direito da UFBA. Mas ele está também nas Artes da UFBA, está entendendo? Então ele é um livro que está na Saúde Mental, está na Psicologia, está na Filosofia... está em todas as áreas de humanas. Mas ele também está na Matemática da UFG. Então ele é um livro que ele está em todos os setores da vida.

Então ele não é um livro antropológico, ele é um livro cosmológico. Então, na verdade, eu escrevi sobre cosmologia. E aí, as mais diversas áreas fragmentadas da Academia se apropriam disso para discutir o que querem, mas na verdade o nosso livro é um livro cosmológico.

EntreRios: Bispo, deixa eu te fazer uma pergunta, você falou que esse livro ele, ele de certo modo sintetiza o modo de...

Nego Bispo: Não, ele relata. Ele é uma relatoria.

EntreRios: Sim, ele relata modos, significações que você aprende com os mestres. Poderia falar um pouco dessa matriz, desses mestres? Como é esse processo?

Nego Bispo: Eu tive mãe Joana, foram os mais velhos. Quando eu escrevo eu resolvo não citar nomes. Por quê? Porque eu também eu não concordo muito com essa história da personificação. Eu cito os nomes na oralidade. Na escrita, não. Agora, na oralidade eu cito. Porque para mim é diferente. Porque Mãe Joana não me passou nenhum saber por escrito. Então eu não tenho obrigação de, na escrita, citar ela. Mas ela me passou na oralidade. Então na oralidade eu tenho que citar mãe Joana. Porque é uma questão de respeito à linguagem e não à pessoa. Então todas as minhas referências de mestres e mestras são na linguagem oral. Eu tive mãe Joana, tio Norberto, tio Nonata, tio Ângelo, Máximo, a própria minha mãe, tia Ana, tia Ângela. Então é assim uma geração avó, uma grande geração. Quem me formou pela oralidade foi a minha geração avó e tudo que eu relato no livro são saberes que a minha geração avó me ensinou e que eu, nas traduções, fui colocando na linguagem que eu achava mais resolutiva. Meu papel aqui é colocar nessa ou naquela linguagem. As outras gerações vão me ajudando a colocar na linguagem, mas a matriz é a minha geração avó. Por exemplo, eu não cito minha mãe como uma mestra, porque a mesma mestra da minha mãe foi minha mestra, que foi mãe Joana. Só que eu tive mais do que ela porque se eu vou discutir meio, começo, meio e começo, então geração só é começo, geração mãe é meio e geração neta começo. Então eu sou o começo para a mãe Joana, então eu e mãe Joana estamos no mesmo patamar. Minha mãe é meio. Então eu tive muito mais tempo com mãe Joana do que minha mãe. Então eu aprendi muito mais com mãe Joana do que minha mãe. Agora minha mãe aprendeu muito mais com a mãe de mãe Joana. Aí é outra história. Se não aprendeu foi porque não quis, mas teve oportunidade porque ela aprendeu com outro camarada, o mestre Diolino, que é de outra família. Porque quando a gente está falando de geração avó, nós não estamos falando de uma questão biológica, nós estamos falando de uma relação de tempo. Então, tio Norberto era meu tio-avô biologicamente, mãe Joana minha tia-avó. Mas tia Nonata não tinha relação consanguínea comigo e foi uma das minhas grandes mestras. Esse é o processo para nós, toda essa relatoria do livro ela tem uma linguagem sofisticada porque ela é uma tradução da oralidade para a Academia. Eu escrevi para a Academia entender, porque pro meu povo entender eu não escrevo, eu falo. Hoje nosso livro é um dos livros mais lidos pelos alunos cotistas nas universidades públicas no Brasil porque um dos questionamentos que a gente faz é que enquanto o saber for mercadoria, não haverá igualdade. O problema não é se o sistema é capitalista, socialista, neoliberal, essa não é a questão. A questão é se o saber é mercadoria. Quem quiser questionar as injustiças sociais não tem que questionar o sistema político, tem que questionar é o saber. Enquanto o saber for mercadoria nem Jesus Cristo conserta o mundo. Porque se você tem que comprar o saber, você está comprando o fazer. E você está comprando o ser. Por exemplo, um engenheiro civil faz o quê? Desenha a obra. Mas ele não faz a obra. Ele desenha a casa. Alguém mora na casa? Mora. Mas alguém mora no desenho? Quem faz a casa? Os pedreiros. E por que o engenheiro ganha mais que o pedreiro? Porque o pedreiro faz a casa sem o engenheiro, mas um engenheiro não faz o prédio sem o pedreiro. Agora por que o engenheiro ganha mais? Isso está errado! Por exemplo eu vivo sem o antropólogo. Os antropólogos não vivem sem nós. Por que os antropólogos ganham mais do que nós? Eu não preciso do antropólogo para nada, a não ser que ele seja bom de papo e queira beber comigo.

EntreRios: Bispo, você tem uma trajetória na política. Poderia nos contar um pouco...

Nego Bispo: Tenho, eu fui candidato. Eu conheço o partido. Eu falo de cadeira, eu conheço. Eu fui sindicalista para traduzir a legislação para o povo trabalhador. Só que chegou um momento em que eu vi que a esquerda, e eu fui da esquerda, protagonizava a trajetória dos outros. Aí que eu fiz? Saí de cena. Desde 96 que eu não voto para ninguém. Não faço campanha. Não sou do partido. Não sou do sindicato. Sou quilombola. Porque eu vi que era muita gente querendo coordenar as trajetórias dos outros. Inclusive eu também estive nessa cena. Eu não tenho nenhuma dificuldade de ter uma trajetória contraditória, agora eu não tenho uma trajetória inconsequente. Ser contraditório para mim é tranquilo, ser inconsequente me incomoda. Qual era a inconsequência? Eu dizia assim: "tem que ter na estrutura sindical uma instância para discutir a questão quilombola". E o povo dizia: "não, todo mundo é trabalhador". Aí nem cabia no sindicato, nem cabia no partido. Não cabia em nenhum lugar da esquerda porque a esquerda faz a luta de classes, mas a esquerda não faz a luta de povos. A esquerda discute ideologia e teoria, mas não discute cosmologia. Agora está querendo discutir. Mas a cosmologia de quem? Dos outros. Hoje a esquerda está querendo discutir a cosmologia dos indígenas, a cosmologia dos quilombolas. Mas ela não discute a sua. Sabe por que a esquerda não discute a sua cosmologia? Porque a cosmologia dela é a mesma da direita: euro-cristã. Aí a esquerda não que discutir a sua cosmologia porque a cosmologia dela é a cosmologia que nos ataca.

EntreRios: Voltando ao seu livro, há nele alguns conceitos muito originais e de grande potência analítica. O conceito de biointeração, por exemplo, é um deles. Poderia nos falar sobre a formulação desses conceitos?

Nego Bispo: Na verdade, falando da minha trajetória, eu fui adestrador de bois. Eu comecei a adestrar bois aos 10 anos de idade. E eu aprendi que adestrar boi e colonizar é a mesma coisa. Então eu fui colonizador dos coitados dos bois. Está vendo as minhas contradições? Mas eu fui colonizador orientado por um grande mestre chamado tio Norberto. Então, o que o Norberto dizia: "meu filho os bois não precisam trabalhar para comer, por isso, vamos pedir o favor a eles, e, pedindo favor, vamos trabalhar apenas de uma forma generosa". Ou seja, nós começávamos a trabalhar com os bois 5 horas da manhã e parávamos 9 horas, na hora que o sol esquentava. Se estivesse nublado, íamos até mais tarde. Mas se o sol esquentava nós dizíamos bem assim: "Oxe, oxe, oxe! Solte os bichinhos, moço". "Mas, tio Norberto, nós não aramos nada!". "Os bois não precisam arar. E eles não precisam trabalhar para comer. Eles estão me fazendo um favor." Ele era um adestrador, mas olha o cuidado. Um adestrador e um colonizador fazem a mesma coisa. Quando eu queria adestrar um boi, a primeira coisa que eu fazia era tirar o boi do seu território ou confinar o boi no seu território. Mas estabelecia um limite. O boi só podia andar na mata por onde eu quero. Então eu faço uma cerca, confino ele ali dentro e tiro o boi do seu sagrado, da sua cosmologia, da sua relação com a natureza. E lhe boto um nome, um nome vazio, um nome fraco. Colonialista faz a mesma coisa. Colonialista pega um povo, confina no seu território ou tira do seu território e bota um nome. Tudo parecido. Quando eu entendi que uma das coisas importantes é botar um nome, aí eu aprendi tudo. A arte de dominar é a arte de nomear. Aí eu fui ver os nomes que os colonialistas botam no sistema de produção. Quando a gente faz uma roça, só diz assim: "eu fiz uma roça". A gente não diz se o sistema de fazer aquela roça é sustentável, agroecológico, orgânico. Não, para gente é uma roça. Eu faço uma roça. Eu não digo qual é o nome do sistema. Mas o colonialista diz: "ou o sistema é orgânico, ou é agroecológico, ou é sustentável ou é agronegócio". Aí eu pensei: "já que é assim eu vou botar um monte de nome". Então, na primeira fase eu narro uma casa de farinha. Aí eu digo: "se eu tivesse que chamar isso de alguma coisa eu chamaria de biointeração". Então eu vou escrever sobre biointeração para dizer que biointeração é a contra-colonização do desenvolvimento sustentável.

Vou dizer que na biointeração as coisas se reeditam e no desenvolvimento sustentável as coisas se reciclam. Então, eu trago esse conceito é para dizer: "Ó, nós contra-colonialistas somos da biointeração e vocês são do desenvolvimento sustentável". Esse conceito foi criado para confrontar. Da mesma forma que a confluência foi criada para confrontar a coincidência. Porque a coincidência é um conceito para você dizer que as coisas aconteceram, mas sem razão para acontecer. Ou seja, é para você dizer assim: "não, eu não sei porque eu estou aqui, mas eu estou aqui". Isso não existe! Nós botamos a confluência para dizer eu estou aqui porque eu confluí. Eu sei porque estou aqui. Da mesma forma que nós vamos trazer o saber orgânico e o saber sintético. A Academia diz que o nosso saber é um saber popular, um saber não sei o que, mas o saber da Academia é científico. Não! O saber de vocês é sintético. O nosso saber é do ser e o saber de vocês é do ter. Então todos esses conceitos são conceitos contra-colonialistas. É a arte de botar nome para poder não ser dominado.

EntreRios: Essa sua posição contra-colonialista é uma posição de luta...

Nego Bispo: Sim, mas nesse momento eu não sabia disso. Foi surpresa para mim. As Academias inventaram o decolonialismo. Eu não sabia que isso existia, eu queria era enfrentar o colonialismo. Aí eu fui assim, bati a cara na parede e trouxe o contra-colonialismo. Mas eu não sabia que as Academias estavam discutindo o decolonial. Mas aí, foi outra confluência. Quando eu fui ver que as Academias estavam discutindo decolonial, então eu disse assim: "agora eu vou avançar no contra-colonial". Começou mesmo numa disputa de luta, mas agora é uma disputa de narrativas. Nós estamos dizendo: "o contra-colonialismo é um conceito orgânico e o decolonialismo é um conceito sintético". Como adestrador de animais, estou lá com os bois *encangado* mesmo, seguindo orientação do tio Norberto. Eu botei eles na sombra, mas estou castigando eles ainda. Aí vocês da sociedade protetora dos animais não gostam disso. Aí vão lá e dizem: "Olha boi, o Bispo é um perverso. O Bispo está explorando vocês. Bota vocês para trabalhar sem precisão. Surrando vocês. Ora, está errado, vocês têm que se revoltar contra o Bispo". Ora, os bois já estão dominados, acha que vão se revoltar contra mim? Eu vou lá e bato eles para trabalhar de novo. Você tem que enfrentar é a mim. Fazer igual tio Norberto fazia: "Olha, para de botar o boi para trabalhar que eles não precisam disso". Você tem que me enfrentar. Então os decoloniais, tipo o Boaventura Sousa Santos e sua companhia, saem lá de Portugal e vem dizer pros indígenas: "ô indígena, vocês estão sendo colonizados. O saber de vocês está sendo saqueado". Vai adiantar para quê? Os indígenas sabem disso. Eu quero que ele enfrente lá é o povo dele, os filhos dele, os tios dele, os primos dele, os pais dele que estão sacaneando com a gente. Por que ele não enfrenta o povo dele? Ele tem que ficar é lá. Ele está fazendo a coisa certa no lugar errado. Ele tem que abrir mão da herança colonial que ele tem. Por que ele não abre mão? Porque os filhos dele vão herdar todos os privilégios coloniais [...] O nosso livro, que não é um livro, na verdade, é uma relatoria dos saberes contra colonialistas. O nosso livro tem essa função. E para a nossa felicidade os *Dalits* e outros povos queriam esse livro em inglês. E aí nós não tínhamos o livro em inglês. Mas sabe o que que aconteceu? Há oito dias atrás, uma professora da UnB, de literatura e tradução, junto com os alunos dela, vão traduzir o nosso livro para três idiomas: inglês, francês e espanhol. Com uma possibilidade de lançamento na África do Sul. Somente isso. Isso é transfluência. É atravessarmos o oceano de volta.

EntreRios: Uma crítica presente no seu livro é que enquanto o saber sintético expropria, o saber orgânico compartilha...

Nego Bispo: Compartilha. É o saber compartilhado. Você está aqui conversando comigo eu não estou cobrando nada de vocês para falar o que eu estou falando, né? Mas se fosse vocês para fazer o contrário, vocês iam cobrar. Porque o saber de vocês está mercantilizado. Você só fariam um laudo antropológico na nossa comunidade se tivesse alguém que pagasse para vocês.

Mas eu estou falando para vocês, um trabalho que vocês estão ganhando para fazer, que ou vocês ganham dinheiro ou vocês ganham *status* publicando um artigo. E eu não cobro nada por isso. Isso é o compartilhamento. Essa é a minha contribuição para que os saberes sejam desmercantilizados. Aí outro dia um camarada disse: "Bispo, mas você tá vendendo o livro". "Tô, meu querido, mas disponibilizei em pdf". Você não é obrigado a comprar. Agora, se você quiser físico, bonitinho, aí você vai pagar porque eu também paguei para imprimir. Mas a sua leitura é garantida é só você baixar o pdf e tal. "Mas não, eu gosto é do físico." "Então se você gosta do físico, você vai pagar". Eu vou viver como? Como é que eu vou viver? Se eu não tenho nenhum salário. Mas o que que eu faço? Eu vendo o livro para me garantir nessa resenha.

EntreRios: *Bispo*, o seu livro tem um posfácio do José Jorge de Carvalho que trata do conflito de fronteiras e sobre a crítica contra-colonialista que você desenvolve. Podemos dizer que você produz isso através de um pensamento quilombista?

Nego Bispo: Eu não sei se passei para vocês a dissertação da Ana Mumbuca... Ela é de onde faz brinco de Capim Dourado, do Tocantins. A Ana Mumbuca é uma negra, linda, maravilhosa, quilombola, evangélica; faz questão de dizer isso. Desde 1930, o quilombo Mumbuca é evangélico. O ano passado, eu fui para colheita do capim dourado lá. Ela veio me conhecer em 2016. Quando conheceu eu já tinha o livro. Ela catou logo o livro. E ela já estava indo pro mestrado profissional na UnB. E qual o mestrado da Ana? Uma escrita contra-colonialista do quilombo Mumbuca. É a primeira dissertação contra-colonialista que nós temos no Brasil. Se tem outra, eu não sei; porque tem muita gente que usa o nosso livro. Mas, para peitar e dizer assim: "a minha dissertação é contra-colonialista", foi ela. E para ela achar um orientador? E se bateu... e se virou.... E o povo dizia: "olha, tu tem que escrever o decolonial". Tinha amigas que diziam assim: "você é uma suicida acadêmica. O Bispo não tem currículo *lattes*". E ela bancou. Chegou o momento que o orientador dela disse: "Olha Ana, eu não tenho condição de lhe orientar porque eu não estudei o contra-colonialismo". O que que ela fez? Pegou o nosso livro e disse: "leia esse livro; depois você me orienta". Ele disse isso, chorando: "é a primeira vez na vida que uma orientanda me orientou para que eu fosse orientador dela". Aí, elas criaram um grupo de pesquisa, então a pesquisa é compartilhada. Todo mundo da comunidade participou da pesquisa. Uns pesquisando e outros aprovando. Uma coisa fantástica! E no final das contas, elas fizeram a defesa e a Ana não depositou [o mestrado]. Sabe o que ela disse? "Eu já cheguei aqui mestra, porque o meu povo já me reconhece como mestra. Nós não viemos aqui pedir a aprovação de vocês. Nós viemos só dizer para vocês que nós somos mestres. Só dizer para vocês como nós queremos ser tratados". E ela se recusou a depositar. Muito forte. Mas adivinha quem foi que elas pesquisaram? Elas pesquisaram quem pesquisou na comunidade delas, inclusive o [autor de novelas] Walcyr Carrasco. Aquela novela "O Outro Lado do Paraíso" foi feita com base na comunidade. Aí eu vou passar essa dissertação para vocês. É linda demais! Então, hoje o que me deixa muito mais tranquilo é saber que eu nem preciso mais escrever. Depois da dissertação do grupo de pesquisa de Mumbuca, eu não preciso escrever mais nada.

EntreRios: Seu livro tem um viés fortemente crítico a partir da ideia da confluência, do diálogo e da fronteira...

Nego Bispo: Isso! Deixa eu contar uma história para vocês muito interessante. Eu conheci o mestre Cobra Mansa da capoeira angola, na Bahia, em 2018, numa fala na Universidade do Recôncavo (UFRB). E o Cobra Mansa falando de permacultura. Na verdade foi o contrário, na minha fala eu detonei a permacultura como uma forma de expropriar o saber do povo e depois vender o saber para o povo. E não é só expropriar! É expropriar, mudar de nome e depois vender. E o Cobrinha disse: "Oh mestre Bispo, eu estava me achando um revolucionário." Eu falei: "Pois não é não. Você é um camarada sob ataque colonialista porque a permacultura é um conceito colonialista."

Aí o Cobrinha ficou muito meu amigo. Me chamou de novo. Quem é o Cobra Mansa? É um cara que foi menino de rua, virou capoeirista, angoleiro, responsa, da escola de mestre Casquinha. Foi para os Estados Unidos ganhar dinheiro para comprar uma casa para mãe dele. Comprou uma casa para a mãe dele, comprou uma casa para ele. Ainda comprou uma terra que os pretos tinham vendido para os brancos e criou o quilombo Tenondé. E no quilombo Tenondé ele resolve produzir e fazer a capoeira angola. Aí ele resolve trabalhar com a permacultura, que é o que ele entende e cria o conceito chamado de perma-angola, que é a mistura de permacultura com capoeira angola. Com isso ele faz uns eventos anuais aí traz os gringos para participar do evento. Aí que está a sacada! Ele criou um curso de perma-angola para os gringos. E os gringos pagam caro. Eu tive a oportunidade de ver os gringos suando, tudo cheio de lama e tudo agradecendo ao mestre Cobrinha. Achei lindo demais! É uma das mais bela cenas que eu vi. Então, o Cobrinha me leva lá para fazer uma fala contra-colonialista. Me incomodava muito essa questão da perma-angola. Mas como é que eu vou criticar a perma-angola se eu não tenho uma proposição? Eu chego na defesa de Cobrinha aí quem está? Mestre Ricardo da capoeira angola, fantástico... doutor... Mestre Janja, também doutora. Eduardo Oliveira, doutor. Só doutores ou capoeiristas. Só a nata do pensamento da filosofia africana. Cobrinha disse: "Mestre, vamos para minha casa comemorar!". "Vamos!". Só os capoeiristas e eu, o não-capoeirista. Ai, eu sentei no chão, na frente de Cobra Mansa e disse: "Cobrinha, agora eu vou fazer arguição, aqui é outra banca, a banca aqui é papo reto, eu e você". Aquela banca lá tinha muita hipocrisia, hipocrisia porque era preciso ter, tem as formalidades. Então o que eu estou chamando de hipocrisia é a formalidade, tinha muita formalidade. "Cobrinha nós não estamos avaliando sua trajetória e todo mundo estava avaliando sua trajetória. Até porque, na boa, essa tese sua academicamente não se sustenta. Eu já fui a várias bancas e eu sei o que é texto que se sustenta... Quando digo que o texto não se sustenta é porque o que te sustenta mesmo é a capoeira. Então, vamos fazer um acordo?". Aí ele disse: "O que é meu mestre?". Eu falei: "Rapaz, a permacultura não alcança a profundidade filosófica da tua trajetória, porque a permacultura é um conceito colonialista. Eu só quero ajudar a colocar o nome, a composição é toda tua, tá?". "E qual é o nome?". Eu falei: "Cosmoangola, menino. Tu discutiu o cosmograma banto, um cosmo, tu discutiu a continuidade e a ruptura; então, rompe com a permacultura e continua com a cosmologia. E tu disse que a tua tese era uma semente e não uma árvore; se a tese é uma semente, a cosmoangola é a semente que tu compôs". Ou seja, essa história todinha é para dizer que esse é meu papel de tradutor. Eu traduzi a trajetória do Cobrinha para dentro da academia, ajudei a botar um nome, porque a arte de nominar é arte de dominar. Resultado: a galera da capoeira todinha concordou. Então esse ano o evento vai acontecer como permangola, mas no ano que vem vai acontecer como cosmoangola. A cosmoangola já é hoje um princípio filosófico da capoeira angola e das relações da capoeira angola com outros movimentos. Aí que está a história da fronteira e é isso que eu estou propondo, isso que para mim é a confluência. Cobrinha precisa de um título de doutor? Precisa! Para assinar projeto, para ter uma grana. Mas Cobrinha precisa de um título de doutor para fazer capoeira? Não. Então é a arte de transformar a arma em defesa. É isso que nós estamos propondo: confluência e fronteira.

EntreRios: Como você desenvolveu os conceitos de transfluência e confluência?

Nego Bispo: O texto da transfluência e confluência não está bom na escrita, está bom na oralidade. Hoje, na oralidade, a transfluência e a confluência mudaram. Não sei se vocês conseguem fazer a crítica. Márcio Goldman foi o primeiro a me fazer essa crítica - e depois o Felipe Cunha, que é um dos meninos que vai ajudar a traduzir na filosofia, e o Luís que é um camarada também de terreiro. Da forma que eu escrevi no livro está parecendo que a transfluência é apenas do colonialista. O que nós precisamos resolver? A transfluência pela trajetória contra colonialista. Nos transfluimos para confluir, e os colonialistas confluem para influir. Então a transfluência tanto pode ser nossa, quanto deles. Quando eu pensei na transfluência eu pensei nesse debate da transnacionalidade, que é uma questão colonialista.

Se vocês olharem esse livro todo é um rio, essa história é toda contada pelo curso das águas, então ele é um rio. Só que nesse rio eu trabalhei o curso das águas, mas eu não trabalhei a evaporação. Aí que eu penei, porque a transfluência só se explica pela evaporação, ou seja como é que as águas do São Francisco vão encontrar com as águas do Nilo se tem um oceano no meio? Tem que evaporar para se encontrarem pelo rio do céu, pelas nuvens. Então eu demorei muito para desenvolver isso.

EntreRios: Aí está a crítica ao Boaventura?

Nego Bispo: Isso. Se o Boaventura transfluísse para confluir, seria ótimo para nós, mas ele transflui para influir. Foi isso que eu não consegui dizer na escrita, mas estou dizendo na oralidade.

EntreRios: Você falou de alguns interlocutores. O Marcio Goldman, o José Jorge de Carvalho, o Alvaro Tukano, a Maria Sueli Rodrigues. Alguns deles, inclusive, escreveram em seu livro...

Nego Bispo: Na verdade, tenho uma história muito boa. Eu tenho um amigo, Zilton Junior, que é o cara que queimou os primeiros escritos que eu fiz. Qual é a cena? Quando eu ainda estava no sindicato, eu enfrentei um grande conflito de terra, e aí eu fiquei isolado. Quando eu estava nessa crise, não tinha com quem conversar. Sabe aquelas horas que você não tem com quem conversar? Que o assunto não interessa para ninguém? Aí eu tive que fazer o que? Escrever! Minha ideia era entender como funciona esse tal de poder. Nesse conflito de terra nós entramos com várias ações no judiciário, ganhamos várias, mas perdemos a principal. Eu não me conformei. Perdemos de forma sacana, aí resolvi escrever. Escrevi olhando para o semiárido. Meu amigo Zilton estava aqui com a gente, fazendo um mungunzá e disse: "Bispo, por que tu não escreve essas coisas que tu fala?". "Não, eu tenho um escrito ali". "Pois deixa eu ver". Aí eu fui e peguei. O que acontece? Quando eu estava no sindicato, um senador do Piauí, o Chagas Rodrigues, mandava agenda. Todos esses políticos mandavam agendas para o sindicato. O que eu ia fazer com aquelas agendas? Para não tocar fogo, eu resolvi escrever na agenda. Quando eu pego a agenda com os escritos e entrego para Zilton ele olha assim: "Bispo, a agenda do Chagas Rodrigues? Quer dizer que tu escreveu numa agenda de Chagas Rodrigues?". Falei: "Foi!". Nós fazendo o mungunzá, o fogo aceso para cozinhar o milho com feijão. Ele disse: "Posso queimar?". Falei: "Pode!". Ele jogou no fogo e queimou mesmo. Depois que queimou, ele disse: "O que tava escrito aqui?". Eu disse: "Não, você não queria saber. Tu pediu para ler e resolveu queimar, não queria saber o que era". A mulher dele quase mata ele nesse tempo e todo mundo se virou contra mim, [dizendo] que eu era irresponsável. Mas o que tava escrito era simples, era um desabafo: "Qualquer viajante desavisado que percorrer o semiárido, vai passar sobre uma ponte e por baixo da ponte tem um rio, o rio tem água, porém ele não vê. Ele vai seguir olhando um tapete acinzentado de árvores muito bonitas e vaidosas, e nessas árvores tem aves, ele não vai ver. Mas de repente ele vai ver a torre de uma igreja e quando ele andar mais ele vai ver que perto da igreja existem várias casas ajoelhadas, e isso ele vai ver. É a mais fantástica expressão do poder, uma igreja no alto do morro e as casas ajoelhadas ao pé da igreja, mas quando depois ele voltar, se alguma chuva tiver caído ele vai passar na mesma ponte, no rio onde ele não viu as águas, e ele vai visitar o mesmo tapete agora não mais acinzentado, mas verde e ele vai ver as aves que ali já estavam. Porque é assim, só quem viver verá". Então era isso que estava escrito. Era isso que o cara queimou, só que eu deixei ele queimar porque estava na minha memória.

EntreRios: Vamos falar então do semiárido do Piauí, porque esta é uma entrevista para uma revista acadêmica piauiense. O Piauí é um lugar que as pessoas ainda conhecem pouco. Você escreve um pouco sobre o Piauí no seu livro. Parece que o Piauí é sempre a última fronteira...

Antônio Bispo: E a primeira. Quem viver verá! Eu costumo dizer o referencial de um extremo é o outro, isso pensando da forma linear que pensam os colonialistas.

Porque não tem extremo no nosso pensamento, no nosso pensamento não tem fronteira; mas no pensamento colonialista tem extremo, então o referencial de um extremo é o outro. Qual é o estado mais importante do Brasil hoje? Na lógica econômica, colonialista, é São Paulo. Qual o menos importante? Piauí. Então qual o referencial de São Paulo? Piauí. Qual o referencial do Piauí? São Paulo. Isso na lógica colonialista. Eu falei lá na assembleia dos Povos da ONU e estavam discutindo clima no mesmo período que fizeram um grande movimento aqui da Amazônia. O que eu disse para eles? O tema dos *Dalits* era discutir a discriminação pela descendência e pelo trabalho. Disse para eles: “Pois coloquem também pelo ambiente”. Cada vez que você diz que um ecossistema é mais importante que o outro, está sendo radicalmente discriminador dos povos, porque quando se trata de um ecossistema, você está tratando dos povos que vivem naquele ecossistema. Se você defende a Amazônia, você defende os povos da Amazônia; se você não defende a Caatinga, você não defende os povos da caatinga. E isso é muita violência! Porque a Amazônia não é mais importante que a Caatinga, nem a Caatinga é mais importante que a Amazônia. Então o que se faz hoje no mundo com relação à Amazônia e a Caatinga é de uma violência sem medida. A Caatinga é o ambiente que me emociona, que me apaixona, que me faz viver bem, que me fascina. Para mim, nada melhor do que a Caatinga. Porque a Caatinga tem essa coisa de parecer que está morta e está viva. Essa coisa que eu escrevi, a Caatinga... ela é a vida e a morte, a cor e a não cor, a dor e a não dor. É uma coisa sem medida, a Caatinga é uma poesia viva, é uma coisa monstruosa... O Agronegócio não se sustenta na Caatinga porque a Caatinga não permite a mecanização, ela é pedregosa, cheia de altos e baixos, ela não é planíssima. Ela bloqueou o Agronegócio e isso é fantástico, a Amazônia não conseguiu. O Agronegócio não funciona na Caatinga não é porque ele não queira. Até funciona em áreas localizadas tipo Petrolina e Juazeiro, mas generalizadamente não dá. Até agora, quem vai nos atacar é a mineração, mas ela não vai destruir toda a Caatinga. A energia solar não destruiu toda Caatinga. Então a Caatinga é a palavra resistência, o povo da Caatinga resiste porque a Caatinga resiste. Tem uma coisa que o povo do sul e do sudeste diz, “ah, aquele lugar de povo sujo e pobre”. Por que o povo da Caatinga não sai da Caatinga? Porque se eles quisessem eles saíam, não saem porque aqui é bom demais, porque aqui a gente é morto e vivo. Só nós que damos conta. Agora, vamos conversar para fazer a nossa confluência? Nós temos que fazer um grande trabalho. Cabe na Antropologia porque na Antropologia cabe de tudo. Dom Inocêncio é um dos municípios do Piauí que eu mais admiro, tem o maior rebanho de caprino e ovino no Piauí sem plantação de forragem, só no pasto nativo da Caatinga. Dom Inocêncio tem um modo próprio de criar caprino e ovino sem fazer chiqueiro, porque eles sabem a hora de comer. Em Dom Inocêncio ainda teve Pau de Colher [A Guerra do Pau de Colher]. Vamos fazer um trabalho sobre a Caatinga a partir de Dom Inocêncio? Eu vi de um camarada da região que disse assim: “Bispo, esse povo aí do IBAMA e das universidades são burros demais.” Eu disse “Como assim?”. “Por exemplo, a mesma folha que o veado come é a que o bode come. Se eles deixassem comer a carne do veado, nós íamos criar menos cabra e os veados não iam acabar. Porque nós não íamos comer veado no tempo que eles estão reproduzindo, porque nós não comemos a cabra no tempo que ela está prenha. Mas como eles não deixam nós criar os veados, o que vai acontecer? Nós precisamos criar cabra. Quanto mais proibir matar veado, mais a gente cria cabra. A cabra come o que? A mesma comida que o veado come, então tem uma concorrência desnecessária. Ou seja, quanto mais as cabras comerem um pasto, mais os veados morrem de fome. O IBAMA é burro demais!”. Eu achei isso fantástico, quem foi que pensou um negócio desse? Isso é profundo, então se deixassem a gente comer a carne do veado, os veados iam aumentar. Porque os veados comem no mesmo pasto. Nós não íamos criar bode, íamos criar veado.

EntreRios: A diferença entre o saber orgânico e sintético...

Antônio Bispo: Lá em Dom Inocêncio ainda tem porco caititu cruzando com o porco. Você vê nos terreiros o porco mestiço de caititu. Se pudéssemos comer o caititu não criava o porco comum.

Então tinha porco caititu em quantidade porque não tinha a concorrência, mas eles não deixam comer o caititu. Nos jogam o porco doméstico, aí o porco doméstico come a mesma ração do caititu...

EntreRios: Bispo, então, no Piauí, a gente está de frente com o saber orgânico e não está conseguindo apreender?

Antônio Bispo: É, estou falando mais precisamente da Caatinga. A Caatinga é o lugar onde o saber orgânico é mais, vamos dizer assim, é mais explícito. Por exemplo, você já viu um hospital para os animais silvestres? Já viu uma clínica de psicologia para os animais silvestres? Uma universidade para os animais silvestres? Então como eles conseguem viver? Sem universidade, sem hospital, sem essas coisas todas aí. E eles só não vivem muito bem porque nos metemos na vida deles. Isso é saber orgânico! O saber orgânico é o saber de outras vivências, o sintético é do ser humano. Então o ser humano é a única espécie que consegue sintetizar o saber, porque os outros continuam no orgânico. Os peixes não têm nem doença, os peixes nem adoecem, mas os outros animais, as cabras se deixar na Caatinga e não nos metermos na vida delas elas também não adoecem. Os indígenas são do saber orgânico. Só nós que temos esse problema. Só o ser humano é portador do saber sintético e da mesquinhez. Porque o saber sintético é o saber que produz a mesquinhez. Todo mundo que tem o saber sintético quer tudo só para si porque não acredita que a natureza lhe garanta, ele só acredita no dinheiro, se ele não tiver dinheiro, sofre. Então a Caatinga na minha compreensão é um dos berços do saber orgânico, aqui a gente se garante. Eu gosto de dizer mais a Caatinga do que dizer o Piauí. Eu nem gosto de dizer o Piauí, gosto de dizer a Caatinga.